

Boletim de **TRABALHO**

DO RIO GRANDE DO SUL

Departamento de Economia e Estatística - DEE/SEPLAG

planejamento.rs.gov.br

GOV
RS

NOVAS FAÇANHAS

NO PLANEJAMENTO,
ORÇAMENTO E GESTÃO



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Ranolfo Vieira Júnior

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO

Secretária: Leany Lemos

Secretário Adjunto de Planejamento e Orçamento: Gilberto Pompilio de Melo Filho

Secretário Adjunto de Gestão: Marcelo Soares Alves

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Liderau dos Santos Marques Junior

Chefe de Divisão de Pesquisa Econômica e Aplicada: Daiane Boelhouver Menezes

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

Revisão Técnica: André Luis Contri, Bruno Paim e Mariana Lisboa Pessoa

Revisão de Língua Portuguesa: Tatiana Zismann

Equipe Técnica (DEE):

Guilherme Gaspar de Freitas Xavier Sobrinho

Raul Luís Assumpção Bastos

Boletim de mercado de trabalho do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Mercado de trabalho - Rio Grande do Sul. 2. Trabalho formal - Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 331.5(816.5)

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	5
1 O MERCADO DE TRABALHO DO DE RIO GRANDE DO SUL EM 2019 COM ÊNFASE NO RECORTE POR GRUPOS ETÁRIOS	5
1.1 FORÇA DE TRABALHO	5
1.2 OCUPAÇÃO	7
1.3 DESOCUPAÇÃO	10
1.4 RENDIMENTOS DOS OCUPADOS	11
2 EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL NO RS CONFORME A FAIXA ETÁRIA (2004-18)	13
2.1 A HETEROGENEIDADE DA VARIAÇÃO DO EMPREGO NO PERÍODO, SEGUNDO A IDADE	13
2.2 AS DIFERENÇAS NA DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA E NA VARIAÇÃO DO EMPREGO FORMAL CONFORME O SETOR DE ATIVIDADE	16
2.3 AS OCUPAÇÕES COM MAIOR REPRESENTATIVIDADE NO EMPREGO, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA	18
2.4 A IDADE E AS DESIGUALDADE SALARIAIS	20
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21

SUMÁRIO EXECUTIVO

Na seção 1 do Boletim, mostra-se que a taxa de participação na força de trabalho (TPFT) agregada no RS evidenciou um processo de recuperação ao longo de 2019. Esse indicador atingiu 64,6% no 4.º trim./2019, situando-se 1,2 ponto percentual acima daquele verificado em idêntico trimestre do ano anterior. O comportamento da TPFT no RS, em 2019, representou um acréscimo de 146 mil pessoas na força de trabalho (FT) estadual, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, tendo a FT atingido o ponto máximo da sua série temporal.

Segmentando-se a FT do RS por sexo, ao se cotejar o 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, ocorreu aumento somente da TPFT das mulheres (de 55,0% para 57,3%), uma vez que a dos homens permaneceu estável (72,6% e 72,5%, respectivamente). A TPFT das mulheres do RS, no 4.º trim./2019, passou a ser o ponto máximo deste indicador em toda a sua série temporal.

Sobrepondo-se os recortes demográficos de sexo e idade, a TPFT das mulheres no RS evidenciou acréscimos, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, para todos os subgrupos populacionais analisados. Quanto aos homens, houve oscilações positivas da TPFT nos segmentos de jovens de 15 a 29 anos e de adultos de 30 a 44 anos, e negativa entre os adultos de 45 a 59 anos, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019.

O nível de ocupação (NO) no RS durante 2019 registrou pequenas oscilações, todavia, no 4.º trim./2019, observou-se um movimento mais claro de recuperação. Naquele trimestre, esse indicador atingiu 60,0%, 1,5 ponto percentual acima ao do verificado no 4.º trim./2018. Na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, o RS teve um acréscimo de 152 mil ocupados.

O NO das mulheres gaúchas passou de 50,0% no 4.º trim./2018 para 52,3% no 4.º trim./2019, desempenho superior ao do NO dos homens, que se manteve relativamente estável nessa mesma referência comparativa (68,2% e 68,4%, respectivamente). Vale destacar que o NO das mulheres, no 4.º trim./2019, é o maior de toda a sua série temporal.

Quando se segmenta o NO por sexo e idade no RS, em 2019, entre as mulheres, ocorreu melhora em todos os subgrupos etários. No que diz respeito aos homens, comparando-se o 4.º trimestre de 2018 e o de

2019, houve recuperação do NO somente no subgrupo de jovens de 15 a 29 anos e no de adultos de 30 a 44 anos.

A taxa de desocupação (TD) agregada no RS evidenciou estabilidade no 4.º trim./2019, quando se situou em 7,1%, frente aos 7,4% do 4.º trim./2018. O contingente de desocupados no Estado, nessa mesma referência comparativa, situou-se em 441 mil pessoas em 2019, enquanto, em 2018, havia sido de 448 mil desocupados. A estabilidade da desocupação foi causada por um acréscimo no contingente de ocupados praticamente idêntico ao ingresso de pessoas na FT. Ainda assim, a TD e o contingente de desocupados no RS, no 4.º trim./2019, foram os menores – quando comparados ao 4.º trimestre – desde 2016.

Ao se segmentar a FT por sexo e idade, observa-se que predominaram movimentos no RS de descenso da TD no 4.º trim./2019 para ambos os sexos, sendo exceções os homens adultos de 45 a 59 anos e as mulheres jovens de 15 a 29 anos. Algo que se destaca na desocupação por sexo e idade é a situação muito adversa das mulheres jovens, cuja TD atingiu 17,6% no 4.º trim./2019, 5,9 pontos percentuais superior à dos homens jovens.

No que diz respeito à estrutura da desocupação por idade no RS, chama a atenção o enorme peso relativo que os jovens nela têm: 56,7% entre os homens e 52,6% entre as mulheres no 4.º trim./2019.

Após oscilações no 1.º e no 2.º trim./2019, o rendimento médio real dos ocupados, no RS, ficou praticamente estável, situando-se em R\$ 2507, no 4.º trim./2019, com uma variação positiva de 1,5% em relação ao 4.º trim./2018. No 4.º trim./2019, o rendimento médio real, no RS, evidenciou recuperação em relação ao piso observado durante a recessão econômica (3.º trim./2015).

Segmentando-se os ocupados do RS por sexo e idade, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, entre os homens, os melhores desempenhos do rendimento-hora médio real ocorreram para os idosos de 60 anos ou mais e para os adultos de 30 a 44 anos. Já entre as mulheres, nessa mesma referência comparativa, destacou-se o desempenho do rendimento-hora real das idosas de 60 anos ou mais e o das jovens de 15 a 29 anos. O hiato de rendimento de gênero, quando se coteja o 4.º trimestre dos anos de 2018 e 2019, evidenciou queda para os jovens (de 7,9% para

3,0%) e para os idosos (de 32,9% para 31,4%) e aumento para os adultos de 30 a 44 anos (de 9,3% para 11,9%).

No período de 2004 a 2018, o emprego formal, no Estado, acumulou crescimento de 32,2%, chegando, ao final dessa série, a 2,9 milhões de vínculos. Os 10 primeiros anos foram de sucessivas variações positivas; desde 2015, há redução do número absoluto de postos. Esses movimentos gerais incidiram de forma muito heterogênea sobre os trabalhadores de diferentes faixas etárias.

O crescimento relativo mais impressionante do emprego formal ocorre entre os indivíduos com 65 anos ou mais, cujo contingente eleva-se 250%. Trata-se de um segmento pouco expressivo no conjunto do mercado de trabalho, mas sua participação, no emprego formal, passa de 0,6%, em 2004, para 1,5% em 2018, com o ingresso de 31 mil indivíduos nessa faixa. No extremo oposto da distribuição etária, o emprego dos menores entre 15 e 17 anos fica estagnado, em números absolutos, com o que sua participação cai de 1,5% para 1,1%. O segmento de 18 a 24 anos foi o único a passar por diminuição absoluta (de 21,5 mil vínculos), representando perda de 5% no contingente. Sua participação cai 5,5 pontos percentuais (p.p.), para 14,2% do emprego gaúcho em 2018. A segunda pior variação é a dos empregados entre 25 e 29 anos de idade, cujo efetivo cresce 14,5%, menos da metade do percentual do emprego total. O segmento intermediário, entre 30 e 49 anos, mostra estabilidade, garantindo, ao longo do período, cerca de metade dos empregos formais. Um destaque especial, por sua vez, merece a faixa dos 50 aos 64 anos, pela combinação do percentual de crescimento do emprego que obteve (115,4%) com seu peso na distribuição etária, que salta de 10,9% para 17,8%.

Essa tendência de “envelhecimento” dos contingentes empregados é verificada em todos os setores de atividade econômica, mas a comparação entre eles revela contrastes relevantes, que não se restringem às variações no período analisado, mas revelam padrões diferenciados de recrutamento e retenção da força de trabalho. Em um extremo, a administração pública, que possui uma normatividade específica a reger as relações de trabalho, é o setor com maior participação de trabalhadores de idades mais elevadas – os empregados com 50 anos ou mais eram 32,5% em 2018 –, e a parcela mais modesta de jovens até 24 anos (2,8%). A agricultura vinha em segundo lugar, quanto ao peso desse recorte dos mais experientes (25,0%), mas a participação de jovens (13,5%) era bem mais significativa,

muito próxima à registrada nos serviços (13,4%). Esse último setor, que detém a maior parcela do emprego total, tem distribuição etária próxima à do emprego total (o qual, por seu peso, o setor influencia intensamente). Os setores em que os indivíduos com até 24 anos obtinham maior representatividade entre os empregados eram, com grande destaque, o comércio (25,7% em 2018) e a indústria de transformação (18,2%). As transformações das estruturas etárias setoriais, no período, refletem vieses de cada atividade, assim como desempenhos distintos dos setores na geração de emprego, além das tendências demográficas que reconfiguram a população gaúcha em seu conjunto.

As ocupações que mais concentravam trabalhadores no Estado, eram, em 2018, terciárias, destacando-se, em primeiro lugar, “escriturários [...] e auxiliares administrativos”, que eram uma das quatro principais ocupações para todos os grandes grupos etários, mas despontava entre os menores de idade, com nada menos de 40,8% dos vínculos. Era, também, a primeira colocada para o segmento entre 30 e 49 anos, com 6,7%; ficava na segunda posição para os indivíduos entre 18 e 29 anos, e na terceira, para aqueles com mais de 50 anos. A segunda ocupação mais expressiva para o conjunto de empregados era “vendedores e demonstradores”, que só não era uma das quatro principais para os trabalhadores de 50 anos ou mais.

Quanto aos rendimentos do trabalho, há uma significativa dispersão salarial quando se comparam os salários-médios dos trabalhadores gaúchos em 2018, segundo os estratos de idade. Os empregados de 10 a 14 anos recebiam apenas 18,7% da média geral do mercado, enquanto os de 15 a 17 ganhavam 26,6%. Para os trabalhadores de 18 a 24 anos, essa relação ficava em 52,0%. A média geral só é ultrapassada (por pouco mais de 2%), nessa progressão por idades, no intervalo entre 30 e 39 anos. A partir dele, as remunerações seguem crescendo, até chegar, no grupo mais idoso, com 65 anos ou mais, a um diferencial positivo de 45% frente ao salário médio geral. Assim, essa faixa, ao final de 2018, tinha remunerações médias 2,8 vezes superiores à dos empregados entre 18 e 24 anos (desconsiderando-se os menores de idade, por especificidades regulatórias que podem incidir no padrão de rendimentos).

A hipótese de que a escolaridade possa ser um fator a determinar, ao menos em parte, essa forte desigualdade dos salários segundo a idade não parece se sustentar. Trabalhadores com escolaridade inferior ao

Ensino Médio completo eram, em 2018, 29,5% do total de empregados formais do Rio Grande do Sul. Na faixa etária de 65 anos ou mais, essa parcela saltava para quase metade (48,1%).

Configurado esse padrão de remunerações, claramente diferenciado conforme a idade, observa-se que a variação das remunerações, no período 2004-18, foi, também, bem mais intensa para a faixa etária superior: os trabalhadores com 65 anos ou mais tiveram crescimento de 216% em seus salários nominais médios, sendo os únicos a superar a variação geral do mercado formal (177,6%). Nessa variável, não há uma progressão tão regular, conforme o avanço da idade. Os segmentos com até 18 anos de idade lograram as menores variações. As faixas seguintes, que abarcam dos 18 aos 39 anos, mostraram similaridade no percentual, que beirou os 170%. Em seguida, os empregados entre 40 e 49 anos restringiram-se a uma elevação nominal de 142,2%, a mais baixa dentre os maiores de idade.

1 O MERCADO DE TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL EM 2019 COM ÊNFASE NO RECORTE POR GRUPOS ETÁRIOS

Esta seção do Boletim trata da evolução, ao longo de 2019, de um conjunto selecionado de indicadores do mercado de trabalho do Rio Grande do Sul. Para elaborá-la, foram utilizados dados trimestrais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

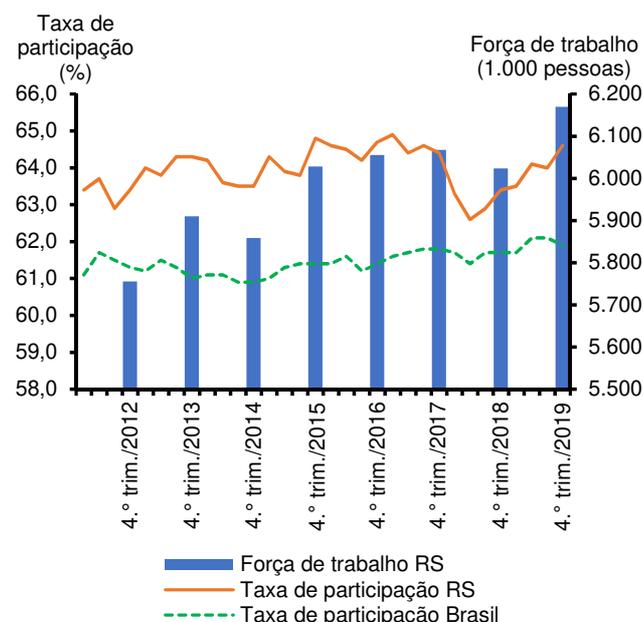
O contexto que informa o desempenho do mercado de trabalho do RS em 2019 pode ser reconhecido como de continuidade da lenta recuperação da atividade econômica, uma vez que a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) estadual foi positiva pelo terceiro ano consecutivo, mas ainda modesta (2,0%). Esta seção dará ênfase ao recorte por idade dos indicadores do mercado de trabalho do RS, procurando revelar diferenças de comportamento entre os jovens, os adultos e os idosos que dele participaram em 2019.

1.1 FORÇA DE TRABALHO

Iniciando a apresentação da evolução do mercado de trabalho do RS em 2019 pela ótica da oferta de trabalho, é possível constatar que a TPFT¹ agregada evidenciou um processo de recuperação ao longo do ano (Gráfico 1). Este indicador atingiu o patamar de 64,6% no 4.º trim./2019, situando-se 1,2 ponto percentual acima daquele verificado em idêntico trimestre do ano anterior e somente 0,3 ponto percentual abaixo do nível máximo de sua série temporal, que ocorreu no 1.º trim./2017. O comportamento da TPFT no RS, em 2019, representou um acréscimo de 146 mil pessoas na FT estadual, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, a qual atingiu o ponto máximo da respectiva série temporal (6.169 pessoas). Assinala-se, ainda, que o processo de recuperação da TPFT agregada no

RS, em 2019, não encontrou correspondência no âmbito nacional, uma vez que este indicador encontrava-se, no País, no 4.º trim./2019, no mesmo nível do verificado no 4.º trim./2018 (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Força de trabalho gaúcha e taxa de participação na força de trabalho do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Segmentando-se a FT do RS por sexo (Tabela 1), ao se cotejar o 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, pode-se perceber que ocorreu aumento somente da TPFT das mulheres (de 55,0% para 57,3%), pois a dos homens permaneceu estável (72,6% e 72,5%, respectivamente). Assim, o ambiente de modesta recuperação econômica parece ter estimulado mais intensamente a ampliação do engajamento feminino do que o masculino em atividades laborais. A TPFT das mulheres do RS, no 4.º trim./2019, passou a ser o ponto máximo desse indicador em toda a sua série temporal, cujo início foi em 2012.

Sobrepondo-se os recortes demográficos de sexo e idade, a TPFT das mulheres no RS evidenciou acréscimos, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, para todos os subgrupos populacionais (Tabela 1). A esse respeito, destacaram-se as jovens de 15 a 29 anos e as adultas de 45 a 59 anos, com aumentos

¹ A taxa de participação na força de trabalho é obtida pela divisão da FT pela população em idade de trabalhar, que corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais de idade, e é expressa em termos percentuais.

de 2,4 e 2,3 pontos percentuais em suas respectivas TPFTs. Cabe, também, registrar que para todos os segmentos etários das mulheres, a TPFT havia atingido o seu maior nível no 4.º trim./2019, frente a idênticos trimestres de 2012 a 2018. Quanto aos homens, houve oscilações positivas da TPFT nos segmentos de jovens de 15 a 29 anos e de adultos de 30 a 44 anos, e negativa entre os adultos de 45 a 59 anos, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019.

Tabela 1 - Taxa de participação na força de trabalho, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

a) homens (%)				
IDADE	4.º TRIM/2012	4.º TRIM/2013	4.º TRIM/2014	4.º TRIM/2015
De 15 a 29 anos	76,3	76,6	75,1	76,0
De 30 a 44 anos	93,1	93,9	93,7	94,8
De 45 a 59 anos	82,4	84,1	83,6	84,2
60 anos e mais	33,5	34,1	32,6	35,0
Total	73,5	74,4	73,0	74,1
IDADE	4.º TRIM/2016	4.º TRIM/2017	4.º TRIM/2018	4.º TRIM/2019
De 15 a 29 anos	75,6	75,8	75,1	75,8
De 30 a 44 anos	94,4	94,8	94,2	94,7
De 45 a 59 anos	85,0	83,8	84,1	83,6
60 anos e mais	36,1	37,3	35,2	35,2
Total	74,2	73,9	72,6	72,5
b) mulheres (%)				
IDADE	4.º TRIM/2012	4.º TRIM/2013	4.º TRIM/2014	4.º TRIM/2015
De 15 a 29 anos	63,1	65,2	61,5	65,8
De 30 a 44 anos	76,5	77,8	78,0	80,2
De 45 a 59 anos	60,5	60,1	62,6	61,1
60 anos e mais	13,8	15,3	15,7	14,4
Total	54,5	55,1	54,8	56,3
IDADE	4.º TRIM/2016	4.º TRIM/2017	4.º TRIM/2018	4.º TRIM/2019
De 15 a 29 anos	63,9	64,7	64,3	66,7
De 30 a 44 anos	80,5	80,7	81,2	82,1
De 45 a 59 anos	63,9	63,8	63,9	66,2
60 anos e mais	16,5	16,5	15,7	17,6
Total	56,1	55,8	55,0	57,3

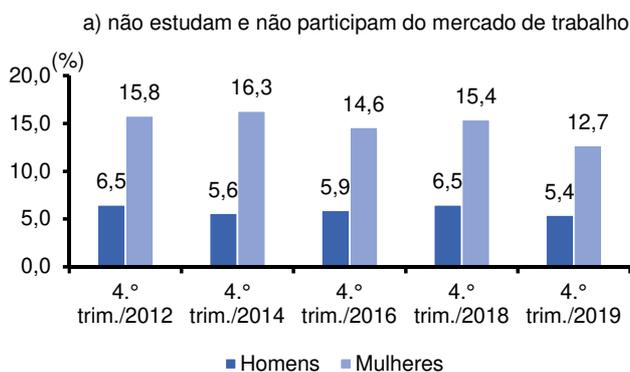
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: 1. Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

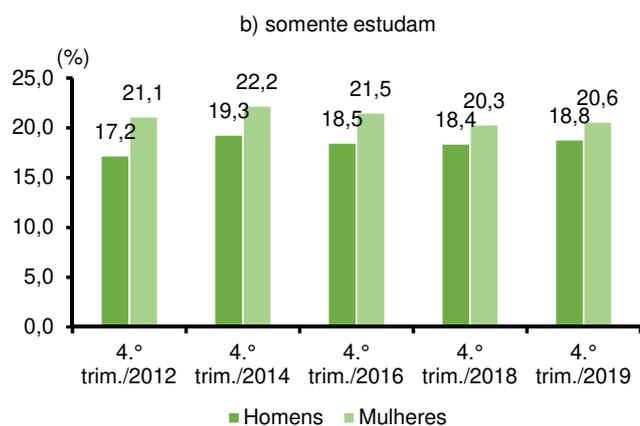
2. Total corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais.

Um segmento da população jovem que recorrentemente é objeto de atenção é o que não estuda e não participa do mercado de trabalho, na medida em que configura uma situação de exclusão social². A esse respeito, pode-se constatar que houve uma retração desse segmento no RS, no 4.º trim./2019 em relação ao 4.º trim./2018: entre as mulheres, 2,7 pontos percentuais, e, entre os homens, 1,1 ponto percentual (Gráfico 2a). Esse comportamento contribuiu de forma decisiva para o aumento da TPFT dos jovens de ambos os sexos, uma vez que a parcela relativa daqueles que somente estudam pouco alterou-se: entre as mulheres, ela era de 20,3% no 4.º trim./2018 e de 20,6% no 4.º trim./2019, e, entre os homens, era de 18,4% e 18,8%, respectivamente (Gráfico 2b). Ao se cotejar o 4.º trimestre dos anos selecionados contidos no Gráfico 2a, percebe-se que a parcela relativa de jovens que não estuda e não participa do mercado de trabalho situava-se, em 2019, no menor nível para ambos os sexos. Destaca-se, ainda, que esse segmento tem um peso relativo na população jovem feminina do RS, mais de duas vezes ao da população jovem masculina.

Gráfico 2 - Parcelas relativas de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não participam do mercado de trabalho e que somente estudam, por sexo, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019



² Ver, a respeito, o tema especial do **Panorama laboral 2019**. Lima: OIT, 2019.

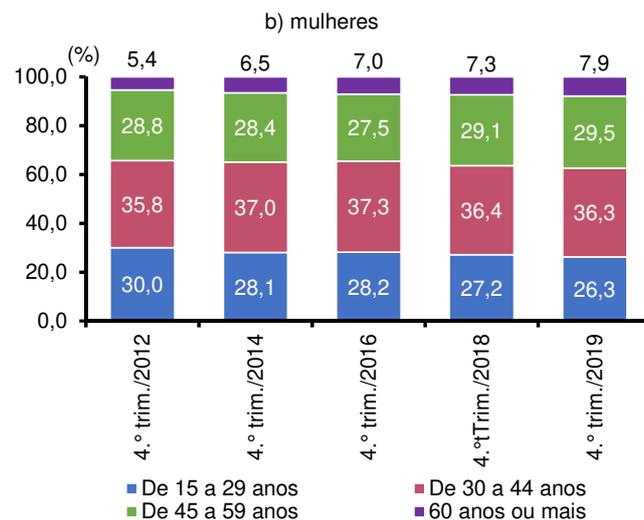
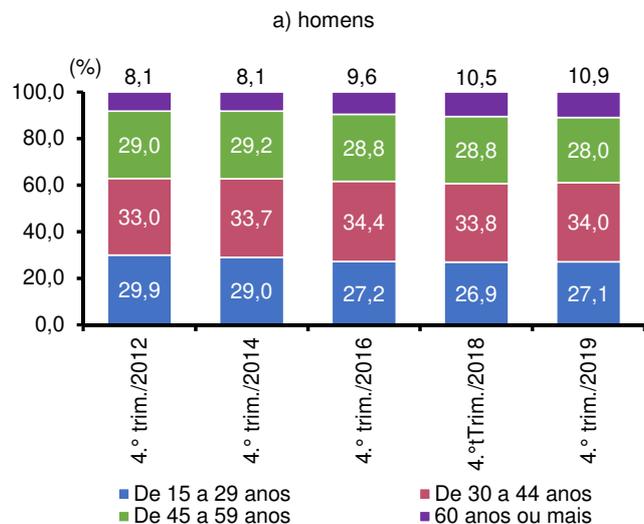


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

No que diz respeito à composição da FT por idade no RS, as mudanças que se processaram, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, em linhas gerais, para ambos os sexos, foram de pequena magnitude (Gráfico 3). Pode-se mencionar o segmento de homens adultos de 45 a 59 anos, com uma retração de 0,8 ponto percentual na estrutura da FT masculina, e o de mulheres jovens de 15 a 29 anos, com uma perda de 0,9 ponto percentual. Examinando-se a composição da FT em uma perspectiva temporal mais longa, ao se cotejar o 4.º trim./2012 com o 4.º trim./2019, constata-se, claramente, a perda de peso relativo do subgrupo de jovens de 15 a 29 anos e o aumento no de idosos de 60 anos ou mais. Nessa referência comparativa, as jovens perderam 3,7 pontos percentuais na sua parcela relativa da FT das mulheres, e os jovens, 2,8 pontos percentuais na FT dos homens; já os idosos de 60 anos ou mais viram os seus pesos relativos na FT ampliarem-se em 2,5 pontos percentuais entre as mulheres e em 2,8 pontos percentuais entre os homens. Essas alterações na composição da FT em direção à maior maturidade etária têm como referência geral o processo de mudança demográfica de longo prazo, que se assenta na redução do ritmo de crescimento populacional e no aumento da expectativa de vida.

Gráfico 3 - Distribuição da força de trabalho, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

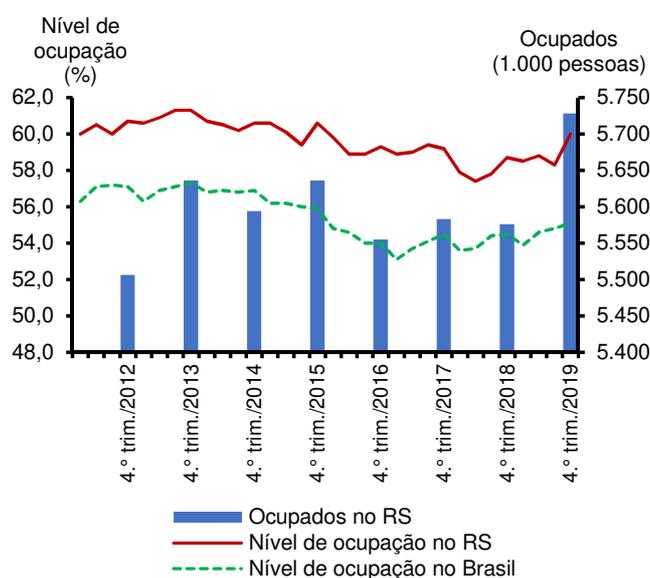
1.2 OCUPAÇÃO

O NO³, no RS, durante o ano de 2019, registrou pequenas oscilações, todavia, no 4.º trim./2019, observou-se um movimento mais claro de recuperação (Gráfico 4). Naquele trimestre, esse indicador atingiu o nível de 60,0%, 1,5 ponto percentual acima ao do verificado no 4.º trim./2018. Ainda assim, ficou aquém do ponto

³ O nível de ocupação é obtido pela divisão do contingente de ocupados pela população em idade de trabalhar, sendo expresso em termos percentuais.

máximo da sua série temporal, de 61,3% no 4.º trim./2013. Na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, o RS teve um acréscimo de 152 mil ocupados. O estoque de ocupados, no 4.º trim./2019, totalizou 5.728 mil pessoas, passando a ser o maior da sua série temporal. No âmbito do País, a trajetória do NO evidencia a existência de um comportamento mais favorável a partir do 2.º trim./2019. Na comparação do 4.º trim./2019 com o 4.º trim./2018, o acréscimo foi de 0,6 ponto percentual, inferior ao verificado no RS.

Gráfico 4 - Nível de ocupação e contingente de ocupados no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2019

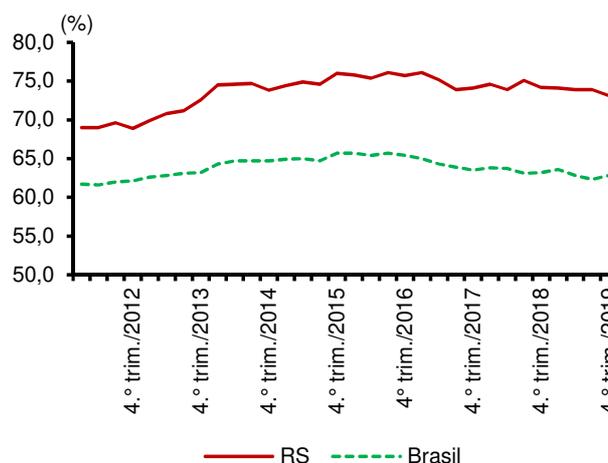


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Assumindo-se a contribuição para a Previdência como uma aproximação da noção de trabalho formal, a parcela relativa de ocupados com essa condição, no RS, evidenciou uma trajetória de queda ao longo de 2019, tendo passado de 74,2% no 4.º trim./2018 para 73,1% no 4.º trim./2019 (Gráfico 5). No âmbito do País, a parcela relativa de ocupados que contribuía para a Previdência oscilou levemente durante 2019, situando-se, no 4.º trimestre desse ano, em 62,8%, contra 63,2% no 4.º trim./2018. Dessa forma, os dados sugerem que ocorreu uma redução da formalização das inserções na estrutura ocupacional em 2019, sendo esta mais intensa no RS, em comparação com o País. No 4.º trim./2019, tanto no RS quanto no Brasil, o segmento em análise estava distante dos pontos máximos de suas respectivas séries temporais – no caso do RS, 76,1% verificado no 3.º trim./2016 e no 1.º trim./2017 e, no âmbito do País, 65,7%, que ocorreu no 4.º trim./2015 e no

3.º trim./2016. Em comparação com esses pontos máximos, as perdas nas parcelas relativas de ocupados que contribuía para a Previdência, no 4.º trim./2019, foram semelhantes no RS e no País: 3,0 e 2,9 pontos percentuais, respectivamente.

Gráfico 5 - Parcela relativa de ocupados que contribuem para a Previdência no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

O NO das mulheres gaúchas (Tabela 2) passou de 50,0% no 4.º trim./2018 para 52,3% no 4.º trim./2019, desempenho superior ao do NO dos homens, que se manteve relativamente estável nessa mesma referência comparativa (68,2% e 68,4%, respectivamente). Vale a pena ressaltar que o NO das mulheres, no 4.º trim./2019, é o maior de toda a sua série temporal, ainda que muito próximo ao registrado no 1.º trim./2015 (52,2%), até então o mais elevado NO das mulheres no RS. Assim, para a FT feminina gaúcha, houve recuperação quantitativa das perdas ocupacionais incorridas durante a recessão econômica.

Quando se segmenta o NO por sexo e idade no RS, pode-se afirmar que, em 2019, entre as mulheres, ocorreu melhora em todos os subgrupos etários (Tabela 2). A esse respeito, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, os maiores acréscimos do NO foram entre as adultas de 45 a 59 anos (2,2 pontos percentuais) e entre as idosas de 60 anos ou mais (2,1 pontos percentuais). Destaca-se, ainda, que para os subgrupos de mulheres adultas e idosas, ao se compararem os 4.º trimestres do período 2012-19, o NO, em

2019, era o de maior magnitude. No que diz respeito aos homens, comparando-se o 4.º trimestre de 2018 e o de 2019, houve recuperação do NO somente no subgrupo de jovens de 15 a 29 anos (1,2 ponto percentual) e no de adultos de 30 a 44 anos (1,2 ponto percentual).

Tabela 2 - Nível de ocupação, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

a) homens

IDADE	4.º			
	TRIM/2012	TRIM/2013	TRIM/2014	TRIM/2015
De 15 a 29 anos	71,4	71,1	69,3	69,4
De 30 a 44 anos	91,2	91,5	91,4	91,3
De 45 a 59 anos	80,4	82,4	82,0	81,9
60 anos e mais	33,0	33,6	31,6	34,5
Total	71,0	71,6	70,2	70,6

IDADE	4.º			
	TRIM/2016	TRIM/2017	TRIM/2018	TRIM/2019
De 15 a 29 anos	64,7	65,8	65,7	66,9
De 30 a 44 anos	89,4	90,0	90,3	91,5
De 45 a 59 anos	81,5	80,5	81,4	80,6
60 anos e mais	35,6	36,5	34,1	34,3
Total	69,0	68,9	68,2	68,4

b) mulheres

IDADE	4.º			
	TRIM/2012	TRIM/2013	TRIM/2014	TRIM/2015
De 15 a 29 anos	56,7	57,5	55,1	53,6
De 30 a 44 anos	73,1	74,7	74,7	75,2
De 45 a 59 anos	59,2	58,7	61,1	59,5
60 anos e mais	13,4	15,1	15,5	14,2
Total	51,6	51,9	51,9	51,4

IDADE	4.º			
	TRIM/2016	TRIM/2017	TRIM/2018	TRIM/2019
De 15 a 29 anos	51,7	52,3	53,4	55,0
De 30 a 44 anos	74,5	74,5	75,1	76,1
De 45 a 59 anos	60,8	61,3	61,0	63,2
60 anos e mais	16,3	16,1	15,1	17,2
Total	50,7	50,5	50,0	52,3

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

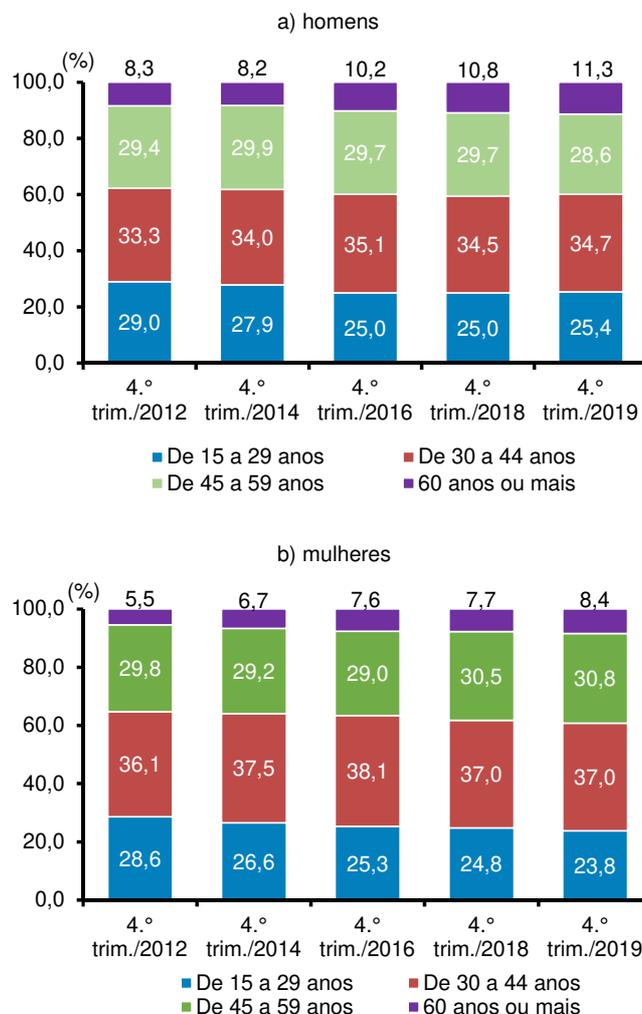
Nota: 1. Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

2. Total corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais.

Os aspectos das mudanças na composição da ocupação no RS por idade que mais se sobressaem podem ser assim resumidos: entre os homens ocupados, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, houve decréscimo da parcela relativa de adultos de 45 a 59 anos (1,1 ponto percentual) e aumento da parcela relativa de idosos (0,5 ponto percentual) – Gráfico 6a. Entre as mulheres ocupadas, na mesma referência comparativa, houve acréscimo da parcela relativa de idosas

(0,7 ponto percentual) e perda de peso relativo das jovens de 15 a 29 anos (1,0 ponto percentual) – Gráfico 6b. O que provocou a retração na parcela relativa das jovens na ocupação feminina foi que o contingente de jovens ocupadas ficou estável, ao se cotejar o 4.º trim./2018 e o 4.º trim./2019, enquanto o indicador agregado elevou-se. Sob uma ótica que extrapola o curto prazo, a inspeção das mudanças na composição da ocupação de todos os anos que estão contemplados no Gráfico 6 indica, claramente, para ambos os sexos, o aumento do peso relativo dos idosos de 60 anos ou mais e a perda de peso relativo dos jovens de 15 a 29 anos, o que confirma que a estrutura etária da ocupação no RS se encaminha para uma maior maturidade.

Gráfico 6 - Distribuição dos ocupados, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

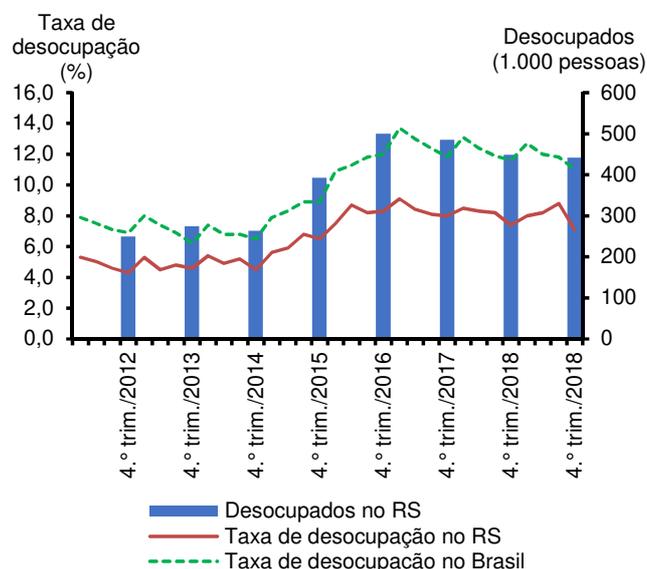
1.3 DESOCUPAÇÃO

A taxa de desocupação agregada no RS evidenciou estabilidade no 4.º trim./2019, quando situou-se em 7,1%, frente aos 7,4% do 3.º trim./2018 (Gráfico 7). O contingente de desocupados no Estado, nessa mesma referência comparativa, situou-se em 441 mil pessoas em 2019, enquanto, em 2018, havia sido de 448 mil desocupados. A estabilidade da desocupação foi causada por um acréscimo no contingente de ocupados praticamente idêntico ao ingresso de pessoas na FT. Ainda assim, a TD e o contingente de desocupados, no 4.º trim./2019, no RS, foram os menores – quando comparados ao 4.º trimestre – desde 2016. Todavia, eles estavam em níveis bem mais elevados do que os observados no 4.º trimestre do período 2012-15. Em termos comparativos, a TD, no âmbito do País, teve um processo mais claro de redução a partir do 2.º trim./2019, atingindo 11,0% no 4.º trim./2019, 0,6 ponto percentual abaixo daquela do 4.º trim./2018 (Gráfico 7). À semelhança do RS, esta foi a menor TD no País para um 4.º trimestre desde 2016.

res, de 9,1% para 8,8%, na mesma referência comparativa (Tabela 3). Dessa forma, a diferença entre os sexos da TD, desfavorável às mulheres, permaneceu praticamente inalterada (cerca de 3,0 pontos percentuais). Assinala-se, também, que essas foram as menores TDs para o 4.º trimestre, desde 2016, para ambos os sexos.

Ao se segmentar a FT por sexo e idade, observa-se que predominaram movimentos de descenso da TD no 4.º trim./2019 no RS, sendo exceções os homens adultos de 45 a 59 anos e as mulheres jovens de 15 a 29 anos (Tabela 3). Os desempenhos mais favoráveis entre os subgrupos populacionais foram os dos homens jovens, cuja TD passou de 12,5% no 4.º trim./2018 para 11,7% no 4.º trim./2019, e o das mulheres idosas, em que a TD passou de 4,0% para 2,2%, na mesma referência comparativa. Algo que também se sobressai na desocupação por sexo e idade é a situação muito adversa das mulheres jovens, cuja TD atingiu 17,6% no 4.º trim./2019, ampliando a desigualdade em relação aos homens jovens (esta passou de 4,5 pontos percentuais no 4.º trim./2018 para 5,9 pontos percentuais no 4.º trim./2019).

Gráfico 7 - Taxa de desocupação e contingente de desocupados no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Desagregando-se a FT por sexo, constata-se que a TD dos homens, no RS, havia passado de 6,1% no 4.º trim./2018 para 5,7% no 4.º trim./2019, e a das mulhe-

Tabela 3 – Taxa de desocupação, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

a) homens

IDADE	4º			
	TRIM/2012	TRIM/2013	TRIM/2014	TRIM/2015
De 15 a 29 anos	6,4	7,3	7,8	8,8
De 30 a 44 anos	2,1	2,5	2,5	3,7
De 45 a 59 anos	2,3	2,0	1,8	2,7
60 anos e mais	1,5	1,5	3,0	1,4
Total	3,4	3,8	3,9	4,7

IDADE	4º			
	TRIM/2016	TRIM/2017	TRIM/2018	TRIM/2019
De 15 a 29 anos	14,4	13,3	12,5	11,7
De 30 a 44 anos	5,2	5,1	4,1	3,4
De 45 a 59 anos	4,1	4,0	3,2	3,5
60 anos e mais	1,5	2,2	3,1	2,6
Total	7,1	6,7	6,1	5,7

b) mulheres

IDADE	4º			
	TRIM/2012	TRIM/2013	TRIM/2014	TRIM/2015
De 15 a 29 anos	10,1	11,7	10,3	18,5
De 30 a 44 anos	4,5	4,0	4,2	6,2
De 45 a 59 anos	2,1	2,3	2,3	2,6
60 anos e mais	2,6	1,3	1,4	1,7
Total	5,4	5,7	5,2	8,6

IDADE	4º			
	TRIM/2016	TRIM/2017	TRIM/2018	TRIM/2019
De 15 a 29 anos	19,1	19,2	17,0	17,6
De 30 a 44 anos	7,5	7,8	7,6	7,2
De 45 a 59 anos	4,8	3,9	4,8	4,6
60 anos e mais	1,2	2,5	4,0	2,2
Total	9,7	9,5	9,1	8,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: 1. Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

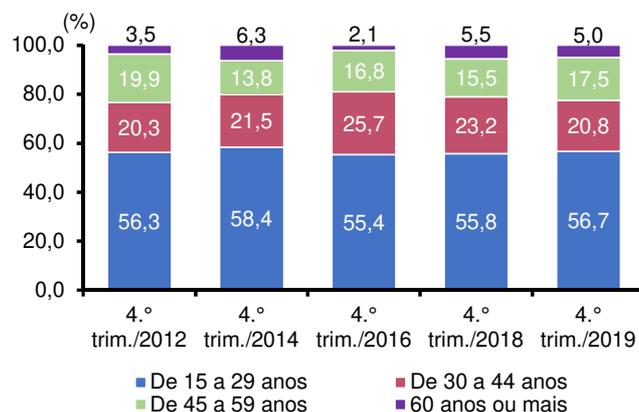
2. Total corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais.

No que diz respeito à composição da desocupação por idade no RS (Gráfico 8), os aspectos que se sobressaem foram o aumento da parcela relativa de homens adultos de 45 a 59 anos (2,0 pontos percentuais na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019) e o de mulheres jovens de 15 a 29 anos (1,5 ponto percentual na mesma referência comparativa). Uma vez mais, chama a atenção o enorme peso relativo que os jovens têm na estrutura da desocupação do RS: 56,7% entre os homens e 52,6% entre as mulheres no 4.º trim./2019. Essas parcelas relativas são muito maiores do que as observadas na FT (27,1% entre os homens jovens e 26,3% entre as mulheres jovens – Gráfico 2), o

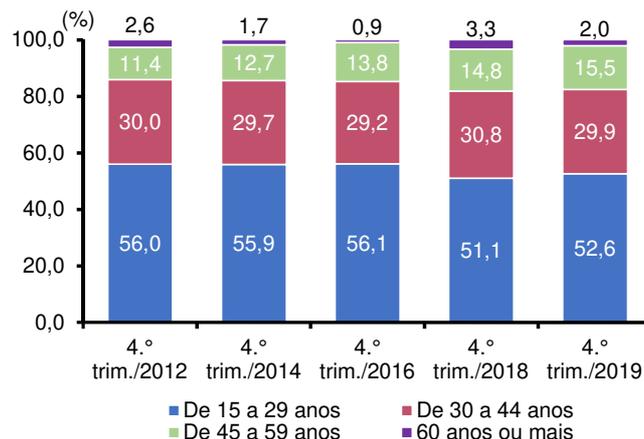
que confirma que esse subgrupo populacional está sobrerrepresentado na estrutura etária da desocupação no Estado.

Gráfico 8 - Distribuição dos desocupados, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

a) homens



b) mulheres



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

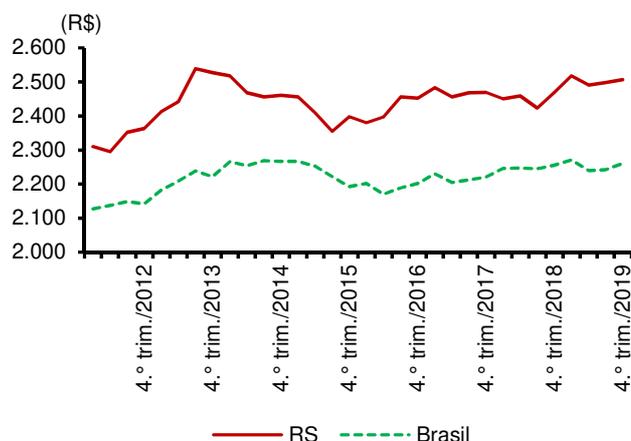
Nota: Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

1.4 RENDIMENTOS DOS OCUPADOS

Após oscilações no 1.º e no 2.º trim./2019, o rendimento médio real dos ocupados, no RS, ficou praticamente estável, situando-se em R\$ 2.507, no 4.º trim./2019, com uma variação positiva de 1,5% em relação ao 4.º trim./2018 (Gráfico 9). No 4.º trim./2019, o rendimento médio real, no RS, evidenciava recuperação de 6,5% em relação ao piso observado durante a recessão econômica (3.º trim./2015), e estava aproximando-se do ponto máximo de sua série temporal, que ocorreu no 3.º trim./2013. A trajetória do rendimento médio

real dos ocupados no âmbito do País, em 2019, é bastante semelhante à do RS, denotando oscilações no 1.º e 2.º trim./2019 e, após, relativa estabilidade. Não obstante, o processo de recuperação do rendimento médio real no Brasil, quando se coteja o piso verificado durante a recessão econômica (3.º trim./2016) com o 4.º trim./2019, foi mais modesto (variação positiva de 4,2%).

Gráfico 9 – Rendimento médio real dos ocupados no Rio Grande do Sul e no Brasil — 4.º trim./2012-4.º trim./2019



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: 1. Rendimento médio habitual do trabalho principal.
2. O rendimento está deflacionado para a média mensal dos preços do 4.º trim./2019.

Quanto à evolução dos rendimentos-hora médio real dos ocupados por sexo no RS (Tabela 4), na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019, constatou-se que ocorreram variações positivas para homens (1,9%) e mulheres (2,2%). Esses desempenhos implicaram uma leve oscilação do hiato de rendimento de gênero (HRG), que passou de 16,0% no 4.º trim./2018 para 15,8% no 4.º trim./2019 (Tabela 5). Em uma perspectiva temporal mais longa, quando se compara o 4.º trimestre de 2012 com o de 2019, o acréscimo do rendimento-hora médio real do segmento feminino (8,6%) foi superior ao do masculino (7,8%). Nessa referência comparativa, como decorrência, o HRG declinou, de 16,3% para 15,8%.

Segmentando-se os ocupados do RS por subgrupos etários, na comparação do 4.º trim./2018 com o 4.º trim./2019 (Tabela 4), entre os homens, os melhores desempenhos, em termos de variação percentual do rendimento-hora médio real, ocorreram para os idosos de 60 anos ou mais (6,1%) e para os adultos de 30 a 44

anos (3,7%). Já entre as mulheres, nessa mesma referência comparativa, destacou-se o desempenho do rendimento-hora real das idosas de 60 anos ou mais (8,5%) e o das jovens de 15 a 29 anos (4,3%). O HRG, quando se coteja o 4.º trimestre dos anos de 2018 e 2019, evidenciou queda para os jovens (de 7,9% para 3,0%) e para os idosos (de 32,9% para 31,4%), revelando aumento para os adultos de 30 a 44 anos (de 9,3% para 11,9%).

Tabela 4 - Taxa de variação do rendimento-hora médio real, por sexo e idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

a) homens				
IDADE	4.º trim./2012-4.º trim./2019 (%)			
	4.º TRIM/2012	4.º TRIM/2013	4.º TRIM/2014	4.º TRIM/2015
De 15 a 29 anos	4,0	2,9	-1,9	-6,7
De 30 a 44 anos	3,8	0,0	0,0	3,0
De 45 a 59 anos	9,2	-6,5	-3,2	1,1
60 anos e mais	18,1	-8,7	-9,5	9,5
Total	7,8	-2,4	-2,5	2,5
IDADE	4.º trim./2016-4.º trim./2019 (%)			
	4.º TRIM/2016	4.º TRIM/2017	4.º TRIM/2018	4.º TRIM/2019
De 15 a 29 anos	0,0	3,1	-1,0	0,0
De 30 a 44 anos	-5,9	1,3	3,7	5,7
De 45 a 59 anos	-3,8	6,8	0,0	2,7
60 anos e mais	11,0	-5,8	6,1	18,6
Total	-1,2	1,9	1,9	7,8

b) mulheres				
IDADE	4.º trim./2012-4.º trim./2019 (%)			
	4.º TRIM/2012	4.º TRIM/2013	4.º TRIM/2014	4.º TRIM/2015
De 15 a 29 anos	2,2	-2,1	1,1	2,1
De 30 a 44 anos	4,3	-1,4	1,4	-2,1
De 45 a 59 anos	6,1	-2,6	-1,3	-1,3
60 anos e mais	9,5	-8,7	5,8	11,0
Total	4,7	-1,5	0,8	0,8
IDADE	4.º trim./2016-4.º trim./2019 (%)			
	4.º TRIM/2016	4.º TRIM/2017	4.º TRIM/2018	4.º TRIM/2019
De 15 a 29 anos	3,1	-6,1	4,3	4,3
De 30 a 44 anos	2,8	0,7	0,7	6,5
De 45 a 59 anos	2,7	1,3	0,0	4,8
60 anos e mais	12,4	-15,5	8,5	21,2
Total	3,7	-2,2	2,2	8,6

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: 1. Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

2. Rendimento-hora médio real habitual do trabalho principal.

3. Taxa de variação do 4.º trim. do ano em relação ao 4.º trim. do ano imediatamente anterior, à exceção da última coluna à direita.

4. Total corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais.

Tabela 5 - Hiato de rendimento de gênero, por idade, no Rio Grande do Sul — 4.º trim./2012-4.º trim./2019

(%)				
IDADE	4.º TRIM/2012	4.º TRIM/2013	4.º TRIM/2014	4.º TRIM/2015
De 15 a 29 anos	7,0	8,7	13,1	10,5
De 30 a 44 anos	12,6	12,1	13,3	12,1
De 45 a 59 anos	20,1	22,4	19,1	17,6
60 anos e mais	32,8	37,8	37,7	27,1
Total	16,3	18,8	18,0	15,3
IDADE	4.º TRIM/2016	4.º TRIM/2017	4.º TRIM/2018	4.º TRIM/2019
De 15 a 29 anos	2,0	-1,0	7,9	3,0
De 30 a 44 anos	16,5	8,8	9,3	11,9
De 45 a 59 anos	19,6	14,1	18,5	18,5
60 anos e mais	26,1	25,2	32,9	31,4
Total	16,8	12,6	16,0	15,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Nota: 1. Elaboração própria com os microdados da Pesquisa.

2. Rendimento-hora médio real habitual do trabalho principal.

3. Total corresponde aos indivíduos de 14 anos ou mais.

Em uma perspectiva temporal mais longa, ao se comparar o 4.º trim./2019 com o 4.º trim./2012, constatou-se que a variação percentual do rendimento-hora médio real teve desempenho positivo para todas as faixas etárias de ocupados, à exceção dos homens jovens de 15 a 29 anos, para o qual registrou estabilidade (Tabela 4). Para todas as faixas etárias, nessa referência comparativa, o rendimento-hora médio real evoluiu mais favoravelmente para as mulheres. Isso trouxe consigo a redução generalizada – ainda que, na maioria dos segmentos, modesta –, do HRG, o que pode ser confirmado pela inspeção da primeira e da última coluna da Tabela 5. Afora esses aspectos, cabe, ainda, destacar que quanto mais avançada é a idade dos ocupados, mais elevado é o HRG, o que configura uma característica estrutural do mercado de trabalho do RS, pois presente em todo o período de 2012 a 2019, conforme se constata na Tabela 5. Isso revela que à medida que homens e mulheres vão percorrendo os seus ciclos de vida profissionais, as desigualdades de gênero, em termos de níveis remuneratórios, ampliam-se sistematicamente.

2 EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL NO RS CONFORME A FAIXA ETÁRIA (2004-18)

Nos 14 anos que se encerram em dezembro de 2018 – último dado disponível –, a série da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho (hoje, Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia), atravessa conjunturas econômicas contrastantes. Nos 10 primeiros anos, de qualquer modo, a despeito de variações consideráveis de intensidade, o movimento é, inequivocamente, de crescimento do emprego formal, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul; desde então, há uma inflexão, sucedendo-se quatro resultados anuais negativos, mais ou menos intensivamente.

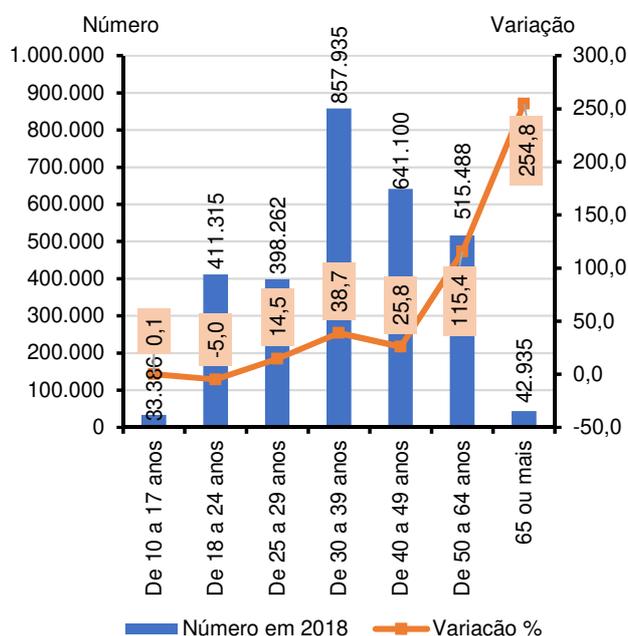
No cômputo dessas 15 observações sucessivas, o Rio Grande do Sul tinha, ao final de 2018, 32,2% de vínculos de trabalho com registro formalizado a mais do que em dezembro de 2004. Por outro lado, esse total era 6,7% inferior ao ponto máximo da série, registrado quatro anos antes. Em números absolutos, o contingente foi acrescido em 707 mil, no arco temporal completo; a perda acumulada nos quatro anos de retração, por outro lado, atingia 209 mil.

Nesta seção do Boletim, explora-se a forma como esses movimentos gerais do mercado formal particularizaram-se para segmentos específicos da população trabalhadora, notadamente para as diferentes faixas etárias.

2.1 A HETEROGENEIDADE DA VARIAÇÃO DO EMPREGO NO PERÍODO, SEGUNDO A IDADE

Uma primeira evidência da grande heterogeneidade que marca o comportamento do emprego segundo o recorte por idades encontra-se no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Variação do emprego formal de 2004 a 2018 e número de empregados em 2018, segundo a faixa etária, no Rio Grande do Sul



Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.
Nota: Acesso on-line.

A acentuada discrepância entre os percentuais de crescimento do emprego de cada faixa etária incide sobre bases de dimensões muito diferenciadas. Tome-se o caso extremo dos trabalhadores com 65 anos ou mais: embora seu contingente tenha crescido mais de 250% no período, eles representavam, em 2004, apenas 0,6% do total de empregados formais gaúchos, limitando-se a 12,1 mil. Nos 14 anos abarcados pela série, esse estrato foi acrescido de 30,8 mil indivíduos, e a participação mais do que dobrou, atingindo 1,5%. Ainda assim, seu reforço correspondeu a apenas 4,4% do saldo positivo produzido no emprego do Estado. No extremo oposto, registra-se que os empregos formais de crianças e adolescentes até 14 anos atravessa a série com participação zero. Os menores entre 15 e 17 – na prática, a primeira faixa etária efetivamente empregada – partem, em 2004, de uma representação quase duas vezes superior ao 0,6% dos mais idosos naquele ano, situando-se em 1,5%. Chegando-se a 2018, sua variação absoluta é praticamente nenhuma (+ 29 indivíduos), com o que sua participação se retrai a 1,1%.

Bem mais larga em número de anos, numerosa em contingente e socialmente relevante quando se trata da realidade do mercado de trabalho é a faixa dos jovens

adultos. Agrupando-se em um só intervalo os indivíduos de 18 a 29 anos, constata-se que esse segmento teve, ao longo dos 14 anos analisados, um acréscimo de apenas 28,9 mil postos formais. Isso significa uma fatia de apenas 4,1% do total gerado pelo mercado de trabalho, drasticamente inferior à participação dessa faixa etária no início da série, de 35,6% dos trabalhadores formais. Com isso, essa participação reduz-se para 27,9% em 2018.

Dentro desse intervalo mais amplo de jovens adultos – e, também, em toda a distribuição etária, tal qual apresentada na RAIS –, foi o segmento de 18 a 24 anos o único a sofrer redução absoluta de seu contingente no período. Seu comportamento, ao longo da série, mostrou-se negativamente diferenciado das taxas globais do emprego: nos anos de 2005 e 2006, passou por pequenas reduções, contrariando o movimento geral; seu ponto máximo, no arco de tempo abordado, ocorreu em 2013 e assinalava expansão de 18,3% frente ao início da série (no mesmo ano, o volume do emprego estadual encontrava-se quase 50% acima do patamar de 2004); começou a decrescer, em termos absolutos, já em 2014, quando o Rio Grande do Sul ainda mostrava pequena variação positiva; por fim, chegou ao final do período menor do que era no início. Os 21,5 mil empregos a menos, para essa faixa etária, significaram uma redução de 5%. Os trabalhadores de 18 a 24 anos, com isso, que detinham quase uma quinta parte (19,7%) dos empregos formais em 2004, terminaram a série com uma perda de participação de 5,5 pontos percentuais (p.p.), limitando-se, então, a 14,2%. Com exceção de 2018, quando repetiu o percentual do ano anterior, essa faixa perdeu participação ininterruptamente ao longo da série, seja no ciclo expansivo, seja na retração. A população, nesse estrato etário, reduziu-se, em termos absolutos, no Rio Grande do Sul, na década que se encerra, como registra a PNAD Contínua, abordada na seção anterior.

O estrato etário de 25 a 29 anos registrou a segunda pior variação no período, dentre os maiores de idade, mas logrou crescer 14,5%, menos da metade do percentual verificado para o emprego total. Diferentemente da faixa anterior, essa obteve algum ganho de participação, até 2009, quando inicia sua retração relativa – de qualquer modo, bem menos acentuada. Em 2018, encontrava-se em 13,7%, uma retração de 2,2 p.p. frente a 2004, com um saldo positivo de pouco mais de 50 mil empregos adicionais no período.

Demonstrando considerável estabilidade, o estrato que pode ser considerado intermediário nessa

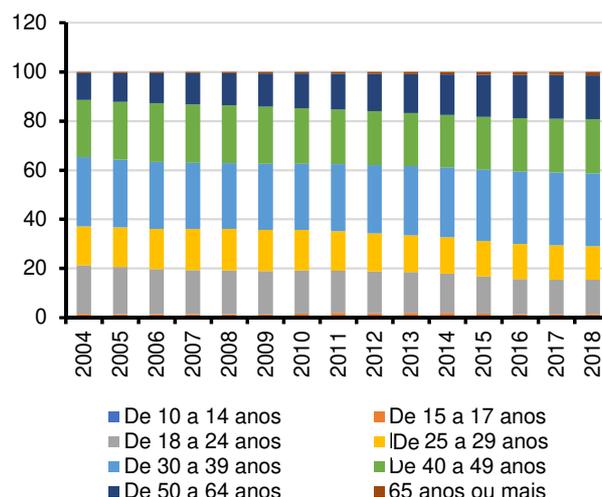
distribuição etária – entre 30 e 49 anos – atravessou a série concentrando cerca de metade dos empregos formais. Curiosamente, houve um descenso suave, mas continuado, de sua participação entre 2004 e 2011, e, a seguir, uma recuperação igualmente discreta e constante, que fez com que esse contingente chegasse a 2018 com 51,7% do total, 0,3 p.p. acima do resultado de 2004. Aqui, mais uma vez, é importante tomar em separado as duas faixas, em um primeiro olhar, agrupadas como recurso analítico. Os empregados entre 30 e 39 anos obtiveram um pequeno ganho de representatividade no emprego formal entre o início e o fim da série (de 28,2% para 29,6%), ao passo que os de 40 a 49 sofreram discreto recuo (23,2% e 22,1%, respectivamente em 2004 e 2018). Em ambas as faixas, essas tendências – de aumento e redução de participação, respectivamente –, além de moderadas, não se processaram sem oscilações ao longo do período. Tomando-se as duas faixas conjuntamente, uma vez mais, constata-se que elas atingiram um crescimento absoluto de 371,2 mil postos no arco de tempo analisado, o que equivale a 52,5% do volume gerado pelo mercado formal gaúcho.

Avançando-se na progressão das idades, a faixa dos 50 aos 64 anos merece um grande destaque, devido à sua intensa ampliação relativa, combinada com sua representatividade na distribuição etária. Foi dessa faixa a segunda maior variação percentual, mas, conforme visto, a primeira posição foi de um segmento que, no início da série, limitava-se a 0,6% do total de empregados formais do Estado, os empregados com 65 anos ou mais. Trata-se, agora, de uma faixa que iniciou a série com 10,9% dos trabalhadores e avançou praticamente 7 p.p., chegando a 2018 com 17,8%. O número de vínculos registrados de trabalhadores entre 50 e 64 anos de idade aumentou 115,4% no período analisado, bem mais do que o triplo, quase o quádruplo, dos 32,2% observados para o total de empregados. Esse segmento expandiu-se em 276 mil postos, abocanhando 39,1% do saldo geral (mais de duas vezes sua participação no emprego total, ao final da série).

O redesenho da pirâmide etária do emprego formal no Estado, na cadência com que se processa, é visível no Gráfico 11. Essa estabilidade das faixas intermediárias, em seu conjunto, ao longo da série, acompanha-se de um “rebaixamento” de sua posição na pirâmide, com a progressiva compressão dos segmentos mais jovens e a expansão do estrato com mais idade, em que a expansão da representatividade dos traba-

lhadores de 50 a 64 anos é facilmente captada, enquanto a faixa final, aberta, a partir dos 65 anos, deixa de ser “invisível” graficamente, apresentando-se como uma realidade com clara tendência de crescimento, a merecer a atenção de analistas e dos atores sociais envolvidos com a temática do emprego.

Gráfico 11 - Distribuição dos empregados formais, por faixa etária, do Rio Grande do Sul — 2004-18



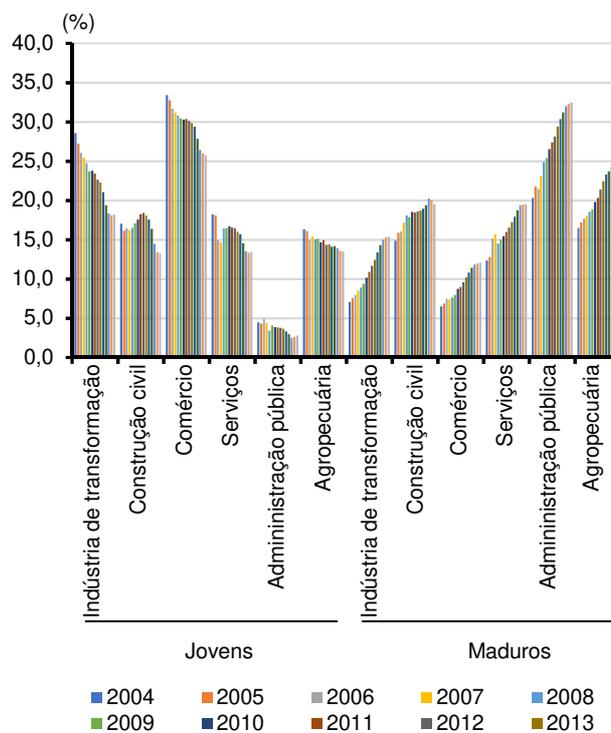
Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.
Nota: Acesso on-line.

As transformações na estrutura etária do contingente de trabalhadores formais, no Rio Grande do Sul, processam-se com traços distintos conforme o setor de atividade econômica dos estabelecimentos empregadores. Na medida em que esses se caracterizam por padrões etários consideravelmente distintos de suas forças de trabalho, as mudanças da pirâmide geral expressam, também, alterações de pesos relativos dos setores na estrutura produtiva e, por extensão, ocupacional.

2.2 AS DIFERENÇAS NA DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA E NA VARIAÇÃO DO EMPREGO FORMAL CONFORME O SETOR DE ATIVIDADE

Buscando-se uma forma mais sintética de expressar a intensidade da tendência geral ao “envelhecimento” dos contingentes empregados, tomam-se, aqui, dois intervalos amplos de idades – os mais jovens, até 24 anos, e os mais maduros, a partir dos 50 – para expor, graficamente, tanto as especificidades quanto a semelhança entre os principais setores de atividade econômica. O Gráfico 12 permite visualizar a “universalidade” das tendências à redução da participação do segmento inicial da distribuição etária e à elevação do estrato mais experiente. Por certo, não deixam de ocorrer oscilações, especialmente no grupo jovem, que mostra recuperação de participação em boa parte dos setores, nos anos intermediários da série – com destaque, nesse sentido, para a construção civil e os serviços. Tratam-se dos anos centrais do ciclo de intensa recuperação do emprego, em que as “reservas” de força de trabalho subutilizadas anteriormente já vinham sendo progressivamente recrutadas para os vínculos com registro. Já a tendência de expansão relativa da participação do segmento de mais idade mostra-se mais regular ao longo da série. Ainda assim, os comportamentos das participações dos estratos etários selecionados, por setor, parecem indicar, em seu conjunto, certa desaceleração das tendências aqui destacadas, nos anos finais da série. Esse período mais recente configura uma conjuntura de retração e estagnação do mercado de trabalho. Dessa forma, uma linha de investigação a merecer futuro aprofundamento correlacionaria a taxa de crescimento da economia e/ou do emprego com a intensificação ou abrandamento dos movimentos identificados na participação relativa dos estratos etários.

Gráfico 12 - Participação de jovens (até 24 anos) e de maduros (50 anos ou mais), por setor, no emprego do Rio Grande do Sul — 2004-18



Para além da dimensão dinâmica que o Gráfico 12 explora, ao captar as transformações dos 15 anos aqui abordados, chama a atenção a diferença, que se poderia considerar estrutural, nas distribuições etárias do contingente empregado em cada setor. Em um extremo, a administração pública, certamente em função da regulamentação das relações de trabalho que particulariza o setor, desponta como o setor cuja força de trabalho é destacadamente mais experiente. Combinam-se, neste caso, a mais elevada participação dos empregados mais idosos (32,5%) e a mais exígua parcela de jovens (2,8%). A agricultura vem em segundo lugar, quando se trata do peso dos mais experientes (25,0%), mas o aporte de jovens em seu contingente (13,5%) é largamente superior ao verificado na administração, praticamente idêntico ao registrado nos serviços (13,4%). Já os setores de atividade com maior presença relativa do estrato de menos idade são, com grande destaque, o comércio (25,7%, em 2018), e, bem distanciada, a indústria de transformação (18,2%).

Essa análise toma a distribuição etária da força de trabalho de cada setor, permitindo realçar a diversidade de sua composição. Quando se retorna o olhar para o agregado do mercado, por certo, é importante

ter presente a heterogeneidade da participação desses setores no emprego estadual, bem como observar que esses pesos se alteraram significativamente no tempo, respondendo a dinâmicas específicas – tecnológicas, gerenciais, concorrenciais, etc. (Tabela 6).

Tabela 6 - Participação dos setores de atividade no emprego formal em 2018 e variação do contingente setorial empregado de 2004 a 2018 no Rio Grande do Sul

SETOR	PARTICIPAÇÃO % NO EMPREGO DO RS (2018)	VARIAÇÃO % DO CONTINGENTE SETORIAL (2004-18)
Extrativa mineral	0,2	15,4
Indústria de transformação	21,8	1,3
Serviços industriais de utilidade pública	0,9	34,7
Construção civil	3,6	41,1
Comércio	21,0	54,4
Serviços	34,2	63,0
Administração pública	15,4	13,8
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	2,9	11,3
Total	100,0	32,2

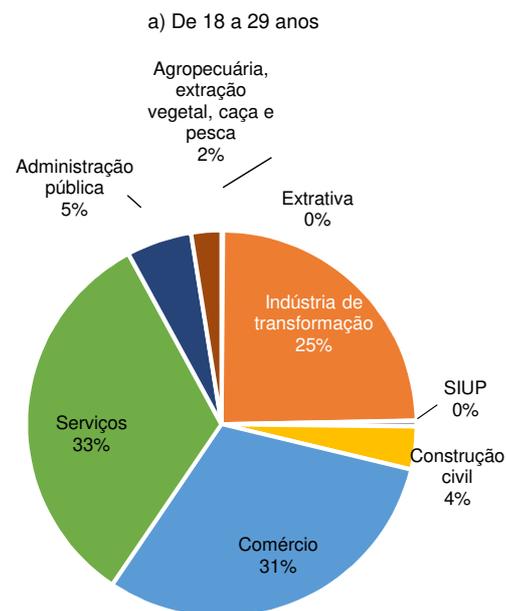
Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.
Nota: Acesso *on-line*.

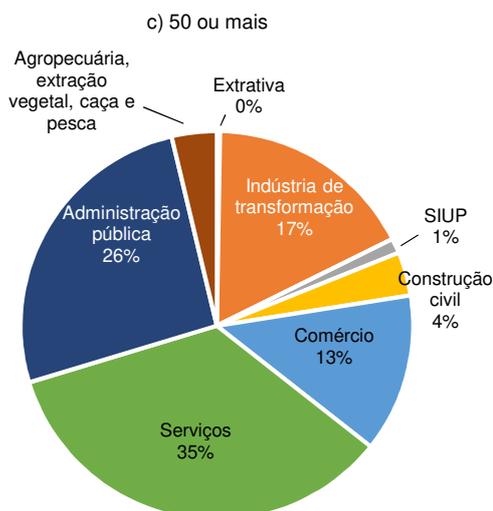
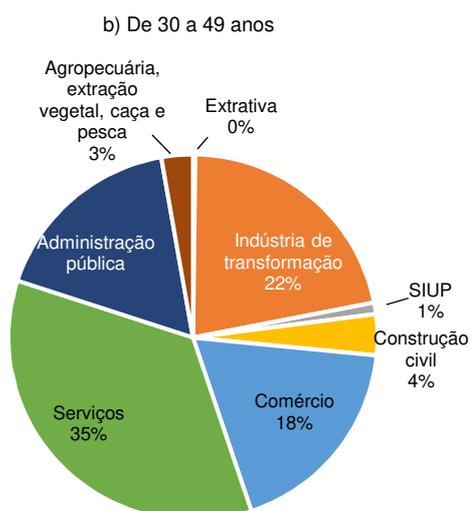
Como se pode observar na Tabela 6, o comportamento do volume do emprego gaúcho por setor, ao longo dos 15 anos da série, foi muito heterogêneo. A indústria de transformação (IT) é o destaque negativo, tendo finalizado o período praticamente no ponto em que o iniciou, enquanto o Estado lograva um crescimento de 32,2% no emprego total. Agropecuária e administração pública ficam, também, muito abaixo do resultado geral, ao passo que comércio e serviços são decisivos para impulsioná-lo e garanti-lo, com 54,4% e 63,0% de elevação, respectivamente. Do ponto de vista dos presumíveis efeitos sobre as oportunidades ocupacionais dos distintos estratos etários, pode-se dizer que a retração relativa da IT tende a fechar portas de acesso aos mais jovens, mas, em princípio, o bom desempenho do comércio poderia compensá-la. Os serviços, setor-líder em geração de postos no período, não apresentam um viés considerável em favor, seja dos mais maduros, seja dos mais jovens. Já a administração pública, onde se registra a mais alta participação dos trabalhadores de 50 anos ou mais, teve desempenho bastante restrito. Nesse caso, pode-se considerar que a falta de renovação dos quadros, com a abertura de mais postos, e a estabilidade assegurada à boa parte do contingente

empregado nesse setor contribuem para intensificar seu “envelhecimento”.

Essas transformações das estruturas etárias setoriais respondem, assim, a diversos condicionantes: o padrão etário “preferencialmente” contratado pelos diversos setores; os desempenhos distintos desses setores, que alteram a ponderação entre eles no emprego total; as tendências demográficas que transformam a pirâmide etária da população em geral, entre outros. Para finalizar este ponto da análise, inverte-se, a seguir, a forma de observar essa conjunção de segmentos etários e setores de atividade, apresentando-se a distribuição do emprego formal dos trabalhadores de intervalos de idade específicos pelos distintos setores de atividade, no último ano da série disponível. Gráfico 13.

Gráfico 13 - Distribuição setorial do emprego formal de estratos etários selecionados no Rio Grande do Sul — 2018





Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.
Nota: Acesso on-line.

Como referido acima, o setor serviços, que detém a maior parcela do emprego total, não envia significativamente a distribuição etária: ao se observar, agora, a forma como o emprego de cada intervalo de idade aloca-se entre os setores de atividade, constata-se que esse setor detém, para os três grandes grupos aqui recortados, um peso muito próximo, entre 33% e 35%. Quanto à IT, já se percebem distâncias maiores: se, para o grupo mais idoso, ela significa 17% do emprego, para os mais jovens, a participação do setor atinge 25%. Coerentemente com as evidências anteriores, o comércio volta a demonstrar, nesta abordagem analítica complementar, a sua importância para a ocupação formal dos jovens, respondendo por 31% dos vínculos de trabalho desse estrato, participação que cai para 18% no grupo

entre 30 e 49 anos e para 13% no segmento com 50 anos de idade ou mais. Não surpreendentemente, o setor com mais intensa amplitude nas participações no emprego, conforme a idade, é a administração pública. Se para os indivíduos entre 18 e 29 anos restringe-se a 5%, no segmento mais velho, seu peso é mais de cinco vezes superior, sendo responsável por 26% dos vínculos formais desses trabalhadores.

Complementarmente a essa abordagem setorial, apresenta-se, a seguir, um breve levantamento das ocupações que se destacam no mercado formal de trabalho do Rio Grande do Sul, segundo a faixa etária dos empregados. Optou-se por restringir a observação ao último ano disponível, 2018, em favor da concisão.

2.3 AS OCUPAÇÕES COM MAIOR REPRESENTATIVIDADE NO EMPREGO, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

Na Tabela 7, podem-se visualizar, destacadas, as quatro ocupações, na abertura em subgrupos da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que empregavam, em 2018, o maior número de gaúchos, tomados em seu conjunto, bem como o dos trabalhadores de cada uma das faixas etárias, aqui, mais agregadas. Apontam-se, inicialmente, as ocupações que lideram o emprego do mercado de trabalho em seu conjunto, assinalando-se sua relevância em cada faixa.

- I) Escriturários [...] e auxiliares administrativos: detentora de 8,1% – o maior percentual dos empregos formais no Estado, em 2018 – essa ocupação era uma das quatro mais importantes para as quatro faixas etárias conforme recortadas aqui. No (pequeno) contingente de menores de idade deste universo, concentrava-se nada menos de 40,8%. Era, também, a primeira colocada para o segmento entre 30 e 49 anos, com 6,7%; ficava na segunda colocação para os indivíduos entre 18 e 29 anos, e na terceira, para aqueles com mais de 50 anos.
- II) Vendedores e demonstradores: segunda ocupação com mais trabalhadores no Estado (com 7,9%), era uma das quatro principais para os três estratos etários mais jovens, mas não para os empregados de 50 anos ou mais (para quem ficava pouco abaixo da quarta colocada). Conquista o primeiro lugar (com 13,1%) entre os

empregados entre 18 e 29 anos; o segundo, para as demais faixas etárias.

III) Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios [...]: com 5,5% dos empregos do Estado, esta ocupação é a terceira mais relevante e figura entre as principais nas duas faixas finais de idade dessa distribuição. Lidera com ampla margem o emprego dos indivíduos com 50 anos ou mais, em que atinge 9,9%; é a terceira, como para o emprego total, no segmento entre 30 e 49 anos, em que emprega 5,5% dos indivíduos. Junto aos mais jovens, perde relevância (2,8% para os de 18 a 29 anos; apenas 0,3% para os menores de idade).

IV) Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e movimentação [...]: nesta ocupação, repete-se, grosso modo, o que se vem de observar na anterior. É a quarta mais importante para o conjunto de empregados formais (com 4,5%), mas, ao se observar o comportamento por faixa etária, destaca-se apenas para os dois segmentos de idades mais elevadas: 30 a 49 anos, com 5,3%, igualmente a quarta principal; 50 ou anos ou mais, em que conquista a segunda posição, com 6,4% dos postos. Já para os indivíduos de 18 a 29 anos, em que responde por 1,9%, está longe dos destaques, ao passo que, entre os menores de idade, obtém 0%.

Além dessas quatro ocupações, que detêm a dianteira na estrutura da ocupação geral do Estado, ganham também destaque, para uma ou mais das faixas etárias, as que seguem:

V) Embaladores e alimentadores de produção: coloca-se entre as quatro maiores ocupações, em contingente para as duas faixas mais jovens, na terceira posição para ambas, com 12,8% do emprego dos menores de idade e 5,1% do de jovens adultos entre 18 e 29 anos.

VI) Caixas, bilheteiros e afins – ocupa a quarta posição para os jovens entre 18 e 29 anos (com 4,7%), não se destacando (dentre as quatro maiores) nas demais faixas etárias.

VII) Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação: emprega 4,3% dos trabalhadores com idade igual ou superior a 50 anos, sendo

a quarta maior para esse segmento. Nos demais intervalos etários, não atinge o critério de destaque.

VIII) Trabalhadores da confecção de calçados: encerra os destaques para os trabalhadores formais entre 10 e 17 anos, com 5,6% dos postos, possuindo representatividade de, pelo menos, 1,9% nas demais faixas etárias, sem, no entanto, alcançar destaque.

Tabela 7 - Percentual de trabalhadores empregados nas quatro ocupações com maiores contingentes, segundo a faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2018

OCUPAÇÕES (SUBGRUPO CBO)	DE 10 A 17 ANOS	DE 18 A 29 ANOS	DE 30 A 49 ANOS	50 OU MAIS	TOTAL
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	40,8	11,1	6,7	5,7	8,1
Caixas, bilheteiros e afins	1,6	4,7	1,6	0,8	2,3
Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	1,9	4,0	3,4	4,3	3,7
Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios [...]	0,3	2,8	5,5	9,9	5,5
Vendedores e demonstradores	13,3	13,1	6,4	4,2	7,9
Trabalhadores da Confecção de calçados	5,6	2,9	2,1	1,9	2,3
Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e movimentação [...]	0,0	1,9	5,3	6,4	4,5
Embaladores e alimentadores de produção	12,8	5,1	2,7	2,2	3,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.

Nota: 1. Acesso on-line.

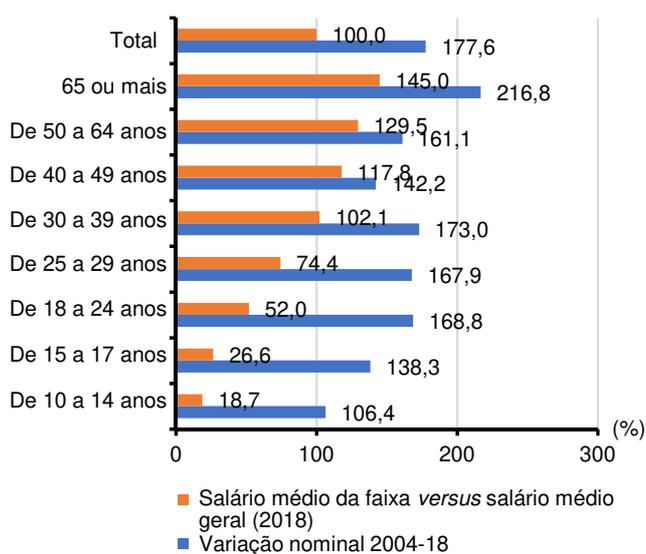
2. Encontram-se destacadas, em cada coluna, as quatro ocupações mais expressivas para aquela faixa. Apresentam-se, também, os percentuais relativos às faixas em que a ocupação não cumpre o critério, apenas para efeito de comparação.

Como se poderia esperar, a despeito das muitas similaridades encontradas nesta simplificada aproximação das estruturas ocupacionais segundo a faixa etária, há consideráveis diferenças nas oportunidades de emprego que se abrem e que se conservam ou não, conforme avançam os anos de vida do trabalhador. Não é menos presumível que as remunerações auferidas no mercado formal tenham distinções analiticamente relevantes, de acordo com o recorte etário. No próximo item, aborda-se essa dimensão da problemática.

2.4 A IDADE E AS DESIGUALDADE SALARIAIS

Numa sintética aproximação do padrão e da evolução recente das remunerações do trabalho conforme a faixa etária dos empregados formais do Estado, analisam-se, a seguir, dois indicadores que servem para fornecer uma apreensão geral desse ponto. No Gráfico 14, pode-se observar, inicialmente, que a acentuada dispersão salarial que caracteriza o mercado de trabalho brasileiro apresenta-se com grande intensidade quando se comparam os rendimentos-médios dos trabalhadores gaúchos em 2018, segundo o estrato de idade em que eles se enquadram.

Gráfico 14 - Variação do salário médio no período dez./04-dez./18 e relação entre o salário médio da faixa etária com o total de trabalhadores em dez./18 no Rio Grande do Sul



Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.

Nota: Acesso on-line.

Naquele ano, tomando-se sempre a relação do salário médio da faixa etária com a remuneração-média do mercado em seu conjunto, os empregados de 10 a 14 anos recebiam apenas 18,7%, enquanto os de 15 a 17 ganhavam 26,6%. Por certo, nessas duas faixas anteriores à maioria ocorrem muitos contratos com jornadas parciais de trabalho e regimes especiais de regulação – o que não foi, neste estudo, controlado, considerando-se a pequena expressão desse contingente no mercado formal. Seguindo-se a essas faixas iniciais, os salários médios ascendem compassadamente com o avanço das idades. Os empregados de 28 a 24 anos, por sua vez, percebiam 52,0% da referência geral. Esta

só é ultrapassada, por pouco (102,1%), no intervalo entre 30 e 39 anos, e as remunerações seguem crescendo, até chegar, no grupo mais idoso, com idades iguais ou superiores a 65 anos, a um diferencial positivo de 45% frente ao salário médio geral. Excluindo-se os menores de idade, pelas atipicidades já mencionadas, constata-se que a faixa etária mais idosa recebia, ao final de 2018, salários, em média, 2,8 vezes superiores aos da faixa “inicial”, de empregados com idades entre 18 e 24 anos.

Por certo, a distribuição dos trabalhadores de cada faixa etária entre os setores, analisada acima, e a lógica que preside as remunerações em cada um deles condicionam esses resultados. Apenas para dar um exemplo, retoma-se a relação estabelecida entre o salário médio dos jovens entre 18 e 24 anos e o dos mais idosos. Se, como foi dito, a distância era de 2,8 vezes, no total de setores – significando que os primeiros auferiam apenas 35,9% do valor pago aos segundos –, esse resultado é ainda mais discrepante nos serviços (34,7%) e muito semelhante na administração pública (38,3%), mas a desigualdade atenua-se na IT (53,5%), na construção civil (60,3%) e, especialmente, no comércio (70,8%).

Uma análise mais detida das determinações dessas diferenças de remuneração mereceria um controle mais rigoroso da influência de fatores como a escolaridade dos indivíduos empregados.

Como a Tabela 8 demonstra, os trabalhadores com escolaridade inferior ao Ensino Médio completo são 29,5% do total de empregados formais do Rio Grande do Sul. Na faixa etária de 65 anos ou mais, essa parcela salta para quase a metade (48,1%). Desconsiderados os menores de idade, boa parte dos quais nem poderia ter cumprido 11 ou 12 anos de vida escolar, os indivíduos com idades entre 30 e 39 anos aparecem como destaque no quesito anos de estudo, tendo o mais elevado percentual de nível superior completo e o mais baixo de escolaridade inferior ao ensino médio completo. No entanto, o salário médio desse grupo correspondia, em 2018, a 70% do recebido pela faixa de idades mais elevadas.

Tabela 8 - Distribuição % dos trabalhadores formais, por níveis de escolaridade e faixa etária, no Rio Grande do Sul — 2018

ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA								Total
	De 10 a 14 anos	De 15 a 17 anos	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 64 anos	65 ou mais	
Analfabeto	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1	0,2	0,3	0,9	0,2
Até 5.º incompleto	1,7	1,3	0,6	0,6	1,1	2,9	4,5	7,1	2,0
5.º completo fundamental	0,2	0,4	0,6	0,8	1,2	3,0	4,6	6,7	2,1
6.º a 9.º fundamental	72,4	20,4	5,0	4,4	5,0	8,8	12,2	14,3	7,4
Fundamental completo	6,8	5,6	8,1	7,8	8,4	11,5	14,1	14,4	10,0
Médio incompleto	14,6	60,4	16,4	8,1	5,6	4,9	4,9	4,8	7,8
Subtotal: menos que médio completo	95,8	88,1	30,7	21,9	21,4	31,2	40,6	48,1	29,5
Médio completo	4,1	11,3	53,3	49,7	45,6	40,0	33,0	25,4	43,1
Superior incompleto	0,1	0,6	11,4	10,0	6,4	3,8	2,8	2,2	6,3
Superior completo	0,0	0,0	4,6	18,4	26,6	25,0	23,6	24,3	21,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0						

Fonte: Secretaria do Trabalho do Ministério da Justiça/RAIS.

Nota: Acesso on-line.

O outro aspecto das remunerações que se queria destacar, também representado no Gráfico 14, é o da evolução dos salários médios, entre dezembro de 2004 e dezembro de 2018. Mais uma vez, há, aqui, uma clara vantagem da faixa etária superior: os trabalhadores com 65 anos ou mais tiveram um crescimento de 216% em seus salários nominais médios, sendo os únicos a superar a variação do conjunto dos empregados formais (177,6%). Nessa variável, não há uma progressão tão nítida, conforme o avanço da idade, como se registrou ao se compararem as remunerações em 2018. Quando se trata da evolução no período analisado, essa associação se verifica até a faixa dos 18 aos 24 anos (partindo-se da elevação de 106,4% do pequeno contingente entre 10 e 14 anos, passando-se pelos 138,3% dos indivíduos entre 15 e 17 e alcançando-se 168,8% nesse primeiro grupo de maiores de idade). As faixas seguintes mostram grande similaridade no percentual (pequena desvantagem para os trabalhadores de 25 a 29; discreta superioridade no grupo de 30 a 39 anos) e, a seguir, a variação acumulada reduz-se significativamente, para 142,2%, recuperando-se apenas parcialmente (para 161,1%) nos intervalos que se sucedem, de 40 a 49 e de 50 a 64, respectivamente. O grupo etário mais idoso, conforme registrado acima, marca

um expressivo salto no percentual de elevação de seu salário médio nominal, no período.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de uma breve síntese dos aspectos analisados nesta seção, impõe-se um registro. Uma vez que a RAIS de 2019 ainda não foi publicada, seria do máximo interesse que se buscasse uma forma alternativa de analisar o movimento do emprego, segundo o recorte das faixas etárias, no ano passado. O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), outra base igualmente produzida pela Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia (ex-Ministério do Trabalho), tradicionalmente cumpre a função de dar suporte a análises conjunturais mais tempestivas. Mesmo com reconhecidas diferenças de cobertura e de tratamento estatístico relativamente à RAIS – reconhecidamente mais fidedigna e abrangente –, o CAGED tem grande valor para a pesquisa do mercado de trabalho. Essa fonte contabiliza uma pequena elevação do emprego formal em 2019, quando o Rio Grande do Sul teria gerado um saldo de 20.426 empregos adicionais, em uma variação de 0,81% frente ao ano anterior.

Estudos anteriores já demonstraram, no entanto, que há uma forte distorção na captação das informações referentes a algumas variáveis da base, com destaque, justamente, para a faixa etária dos trabalhadores. Uma consulta ao Caged referente a anos passados, para os quais já existem RAIS disponíveis, evidencia a intensidade dessa potencial imprecisão. Para 2017, por exemplo, o Caged aponta um crescimento de 56,3 mil empregos na soma das faixas etárias até 24 anos, ao passo que a RAIS de 2017 (empregos em 31 de dezembro daquele ano), cotejada à mesma data de 2016, registra a redução de 9,6 mil. Desencontro quase tão expressivo volta a ocorrer quando se realiza a mesma verificação para o mesmo grupo etário, relativamente ao ano de 2018: contra um aumento de 68,3 mil postos formais indicado pelo Caged, a RAIS apura uma retração de 620 indivíduos. Com isso, optou-se por não abranger o ano de 2019 nesta análise, preferindo-se aguardar a publicação da RAIS para monitorar como as tendências aqui detectadas se comportaram no período mais recente.

Esses principais movimentos podem ser assim resumidos: a pirâmide etária dos empregados formais transforma-se muito rapidamente nos 14 anos que as

15 RAIS aqui analisadas permitem abarcar. Há uma intensa redução da participação das faixas mais jovens, de até 29 anos de idade, com destaque para o segmento entre 18 e 24 anos, único em que há redução absoluta, de 5%, no contingente empregado; o estrato intermediário, que agrupa os indivíduos entre 30 e 49 anos, logra certa estabilidade, ao passo que a fatia de trabalhadores com 50 anos ou mais expande-se com vigor. O número de trabalhadores formais com idade entre 50 e 64 anos cresceu 115,4%, entre 2004 e 2018; o daqueles com 65 ou mais, 254,8%.

A análise por setor de idade mostra relevantes contrastes entre as pirâmides etárias de cada um, mas permite reencontrar, evidentemente com matizes, a tendência de elevação das participações dos segmentos mais velhos. A administração pública é um setor que se distancia dos demais nesse sentido, possuindo a força de trabalho mais experiente. A IT e, especialmente, o comércio são espaços que aproveitam proporcionalmente mais a mão de obra mais jovem.

As ocupações que mais empregam concentram-se em atividades de apoio, predominantemente terciárias. A atividade de escriturários e assemelhados absorve nada menos de 40% dos trabalhadores menores de idade, e é também a com maior número de trabalhadores no Estado, consideradas todas as idades. Também entre os menores, encontra-se com algum destaque a única ocupação tipicamente industrial filtrada por esse critério, o de selecionar as quatro maiores para cada faixa etária. Trata-se da fabricação de calçados. Vendedores e demonstradores têm mais destaque no emprego dos indivíduos entre 18 e 49 anos, mas estão entre as principais também para os menores, deixando de figurar entre as maiores apenas para os mais velhos (50 anos ou mais). Junto a esses, comparecem entre as quatro primeiras posições os trabalhos de condutores de veículos e de manutenção de edifícios.

As desigualdades salariais são muito acentuadas no mercado de trabalho gaúcho, e a idade demonstra-se um fator muito positivamente associado aos patamares de remuneração. É clara a progressão dos rendimentos médios, conforme avançam as faixas de idade. O comportamento dos salários nominais ao longo do período coberto pela análise foi também especialmente diferenciado para as extremidades da distribuição etária: os empregados formais com 65 anos ou mais tiveram uma marcante vantagem nesse quesito, ao passo que os piores resultados foram verificados para os menores de idade.



NOVAS FAÇANHAS

NO PLANEJAMENTO,
ORÇAMENTO E GESTÃO

planejamento.rs.gov.br